

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



"A resposta do povo virá mais tarde"

(Trecho manuscrito da carta-testamento de Getúlio Vargas, não incluída na versão oficial datilografada. CPDOC/FGV-RJ)

A carta do doutor Roberto

► Logo após ter manipulado o debate Lula-Collor, o barão global publicou uma missiva pública ao candidato petista. Democraticamente aceitável. De pai para os filhos, a linha mudou de forma radical

O império jornalístico das Organizações Globo tem atuado na vanguarda da mídia brasileira agressivamente contrária aos governos petistas, a partir da ascensão ao poder do ex-metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva pela via democrática.

Esse comportamento transita com frequência do direito de se opor para o caminho da desonestidade, como ocorre agora, no acompanhamento do golpe contra a presidenta Dilma Rousseff, grifado por trapanças editoriais nos diversos veículos das Organizações.

A reação anti-Lula começou de forma articulada, ao longo da disputa da primeira eleição presidencial direta, em 1989, e está marcada por uma "Carta a Lula", assinada pelo empresário Roberto Marinho, publicada pelo jornal *O Globo*, sobre o debate final da campanha, transmitido pela TV Globo. No dia seguinte, véspera da eleição, trechos do confronto com Fernando Collor foram ao ar no *Jornal Nacional*, editados contra Lula com malicioso capricho pela mão do próprio dono da casa.

"Coube aos vários profissionais das Organizações Globo incumbidos de tal tarefa analisar o confronto (...) o candidato

(Lula) mencionou mais de uma vez meu nome (...) havia nítido tom negativista no modo com que reiteradamente me foi atribuído decisivo poder político sobre os destinos nacionais", escreveu o advogado Jorge Serpa, articulista inviolável e exclusivo de Marinho.

Embora derrotado, Lula sinalizou um futuro melhor para sua candidatura. De todo modo, Marinho tornou-se mais cauteloso, como se dá na sua "Carta a Lula", ou apenas mais tolerante, embora tenha arrostado petulância. Ele considerou a correspondência pública "uma homenagem" ao destinatário.

"Não é verdade que eu exerça poder político hegemônico, e menos ainda que o faça em caráter pessoal. A orientação que imprimo aos veículos que me cabe dirigir visa estritamente à defesa do que julgo serem os reais interesses do País e dos caminhos a serem trilhados para que se possa alcançar o bem-estar do povo."

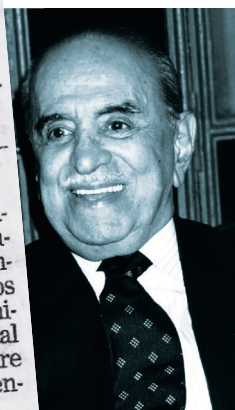
Na Carta, deixa "bem claro" que nunca teve "dúvidas" sobre o "dever" de cada jornal: "Posicionar-se segundo as suas convicções em face dos problemas nacionais".

Fez oposição a Getúlio Vargas e a Jango. Como missivista, declara-se "atual opositor" do destinatário. Morreu em 2003, poucos meses após a primeira posse de Lula. O qual viajou ao Rio para participar do funeral de lenço na mão. Talvez buscasse uma impossível trégua.

Atritos políticos, aos olhos do império global, sempre virão respeito à desigualdade e à independência da política exterior brasileira. Marinho nunca deixou de ser empresário.

Roberto, José e João, herdeiros dele e diretores por direito divino, não poupam Lula, tampouco Dilma Rousseff, eleita por 54 milhões de votos e afastada da Presidência pelo golpe.

Embora responsável pela manipulação do debate Lula-Collor, o doutor Roberto, "nosso colega", como era chamado pelos súditos, na sua carta manteve o tom de quem não agride a ideia democrática. Os filhos dele mandam a democracia para o espaço. •





Artur Azevedo não escreveu para alegrar Michel Temer

Plebiscito I

A presidenta Dilma Rousseff lançou a proposta de realização de plebiscito com o objetivo de antecipar as eleições presidenciais.

O primeiro deles, no plano nacional, foi realizado em 1963 para definir o sistema de governo.

Nem todo mundo no Brasil se interessa pelo plebiscito.

É preciso divulgá-lo, como insiste a fantasia de um conto de Artur Azevedo (1855-1908), um dos mais populares escritores do século XIX.

Plebiscito II

A cena é de 1890. O filho do “seu Rodrigues” pergunta distraidamente ao pai o que é plebiscito.

Ele repreendeu o menino por não saber, para esconder o que também não sabia. A seguir, buscou escondido um dicionário.

Após se informar sobre a lei criada pelos romanos, explicou: “É uma lei romana, percebe? E querem intro-

duzi-la no Brasil. É mais um estrangeirismo”.

Michel Temer talvez sorria satisfeito com a ficção.

Privatização da BR

Felipe Coutinho, presidente da Associação dos Engenheiros da Petrobras (Aepet), revela um dado importante embutido na privatização da BR Distribuidora.

A empresa é credora de 5,4 bilhões de reais da Eletrobras, referentes ao fornecimento de combustíveis para a geração de energia elétrica.

Esse valor pode ser capturado pelo controlador privado. Seja pela cobrança da via judicial ou mesmo pelo lobby político.

Debaixo do angu tem carne.

Mutretas do Jaburu

Descansa na gaveta do deputado Rodrigo Maia, presidente da Câmara, o pedido de *impeachment* do ainda presidente interino Michel Temer.

Já foram indicados os membros da Comissão Especial do *Impeachment* após a determinação, em abril, do ministro Marco Aurélio Mello, do Supremo Tribunal Federal.

O novato presidente da Câmara finge que não sabe.

Temer, a travessia

Michel Temer, como presidente ou mesmo como vice, tem um encontro marcado com o Tribunal Superior Eleitoral em novembro.

Esse tempo é um cálculo feito sobre o andamento do processo contra a chapa Dilma-Temer para prestação de contas da eleição presidencial de 2014.

Propina e candidatos

O Diap detectou uma redução expressiva no número de deputados e senadores dispostos a disputar as eleições municipais.

Levantamento preliminar mostra que concorrerão 76 parlamentares, um número abaixo da média histórica de 89 nomes (*tabela*).

Esse seria um problema provocado pelo fim do financiamento empresarial, pelos reflexos da Lava Jato nas eleições e pela situação financeira dos municípios.

Reduzida a termos, a questão é mesmo o cerco ao caixa 2.

Ou seja, menos propinas, menos candidatos.

Culpa da vítima?

Se for confirmado o golpe contra a presidenta Dilma Rousseff, ela vai se tornar a “culpada” preferencial dos aliados mais próximos.

Pagará por ter cão e por não ter cão.

Dilma será castigada por razões da misoginia de muitos dos partidários dela.

O ambiente político ainda é dominado pelo machismo.

ELEIÇÃO SEM PROPINA

ANO	2016	2012	2008	2004	2000	1996	1992
Deputados	74	87	86	89	94	117	86
Senadores	2	5	3	4	4	4	2
Total	76	92	89	93	98	121	88

Fonte: Diap

mauriciodias@cartacapital.com.br